

CONCURSO

Honestino ganha Prêmio UnB-30 Anos

O vídeo de Maria Coeli Vasconcelos receberá Cr\$ 4 milhões pela conquista do primeiro lugar na categoria Obra de Arte

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O fundador da Universidade de Brasília — antropólogo, romancista e senador Darcy Ribeiro — entrega, hoje, ao lado do reitor Antonio Ibañez, o Prêmio UnB-30 Anos à videasta Maria Coeli Vasconcelos, diretora de *Honestino*, e aos pesquisadores Jorge Cordon Portilho e Mourad Belaciano, autores de *Programa Saúde — Brasília — União com a Comunidade*. O vídeo *Honestino* foi o primeiro colocado na categoria *Obras de Arte* e o *Programa Saúde*, na categoria *Trabalhos Escritos*.

Os premiados farão jus a prêmio no valor de Cr\$ 4 milhões (cada) e a diplomas. A solenidade de entrega das lãureas acontecerá no Auditório da Reitoria, às 10h00. O concurso foi lançado em fevereiro deste ano e contou com a participação de 43 trabalhos, sendo 14 na categoria *Trabalhos Escritos* e 29 na categoria *Obras de Arte*. Pesquisas monográficas, crônicas, poemas e fotografias serão reunidos no livro *UnB 30 Anos*, que a Reitoria editará até o final deste ano.

Maria Coeli Vasconcelos, 49 anos, uma mineira que chegou a Brasília três dias antes de sua inauguração, recebeu a notícia do Prêmio UnB-30 Anos com enorme alegria. Para completar, *Honestino* concorre esta semana ao Troféu Tatu, na Jornada de Cinema da Bahia.

Antes de realizar o vídeo premiado pela UnB, Maria Coeli percorreu longa carreira como cineasta e videasta. Em 1969, na Holanda, onde residia com o marido diplomata, filmou em super-8 os primeiros passos da filha Manuela, para enviar aos seus familiares, no Brasil. Tomou gosto pelo ofício e continuou a praticá-lo, de forma amadora. Ela, que estudara Arquitetura na UnB dos anos pioneiros, já trazia uma grande paixão pelo cinema. Não perdia nenhuma das aulas de Paulo Emílio Salles Gomes na Faculdade de Comunicação de Massa, criada por Pompeu de Sousa. Da adolescência, em Minas, guardava a lembrança das chanchadas da Atlântida e o impacto de dois filmes — *Vidas Amargas* e *Sindicato dos Ladrões*, ambos de Elia Kazan. "Vida Amargas me mostrou que eu não era a única adolescente problemática do mundo", diz sorrindo.

Vozes do Rio — Quando regressou da Europa, Maria Coeli foi estudar Comunicação na UnB. Frequentou as aulas de cinema de Vladimir Carvalho, Geraldo Moraes e Pedro Jorge e realizou novo Super-8: *Milacro Brasileiro*. Em 75, foi para o Rio, trabalhar na Embrafilme. Conheceu o cineasta Leon Cassidy, formado na Iugoslávia, e juntos realizaram os quatro episódios de *Vozes do Grande Rio*. "Produzido em película" — recorda — "o projeto deveria chegar à TV. Por isto, o formatamos em quatro episódios documentários, com 50 minutos cada um". Só que as TVs não se interessaram pela crueza das imagens colhidas por Leon Cassidy. "Era muito *Brasil Verdade* para o gosto da época", pontua. Desesperado, o cineasta resolveu remontar o filme transformando-o numa série de curtas. Maria Coeli, que assinou a produção de *Vozes do Grande Rio*, nada fez para impedir. Hoje, com olhos críticos, pondera: "O Leon pegou um vestido de baile e o repicou em múltiplos pedaços, fazendo de cada um deles um biquíni". Quem quiser ver o filme em sua versão original — e integral — pode procurá-lo, em cópia U-Matic, no acervo do Centro de Recursos Tecnológicos da Fundação Educacional (ex-Nutel, Núcleo de Teleducação), onde Maria Coeli trabalha.

Foi no Nutel que a videasta desenvolveu a parte mais substantiva de sua trajetória. Em doze anos de trabalho, assinou os vídeos *A História do Núcleo Bandeirante* (50'), *Brasília Feita Por Nós* (15'), *Grito da Mocidade* (20'), *Corpo Coletivo — Educação Sexual* (20'), *Superdotado — Atendimento no DF* (15'), *Pacote Brasileiro* (15'), *Centro de Educação para o Trabalho* (15'), *Caseb — 30 Anos* (50'), *Mariana Alvin* (120'), *Criações Notáveis* (15') e *Esgoto — Fonte de Equilíbrio Ecológico* (15'), este para a Caesb (Companhia de Água e Esgoto de Brasília).

Honestino — Nenhum destes projetos, porém, tomou o vulto de *Honestino*. Durante quatro meses, com recursos do próprio bolso (Cr\$ 20 milhões), Maria Coeli colheu 19 depoimentos de pessoas que conviveram com Honestino Guimarães, líder estudantil e militante da AP (Ação Popular), desaparecido desde 1973.

"Eu quis fazer" — conta ela — "o mais autoral dos meus trabalhos, já que sentia uma enorme necessidade



A videasta mineira "quis resgatar um herói da minha geração" e concorre com o vídeo ao troféu Tatu na Jornada de Cinema da Bahia

O mistério de uma vida marcada pela militância

Honestino Monteiro Guimarães nasceu em Itaberaí, Goiás, em 1947. Em dezembro de 1960, transferiu-se com a família para o Distrito Federal. Aqui, cursou a quarta série ginasial e o primeiro ano colegial no Elefante Branco. Quando o CIEM foi inaugurado, transferiu-se para lá, onde fez o segundo e terceiro anos do colegial. Prestou vestibular para Geologia, na UnB e foi aprovado.

Iniciou sua militância política no movimento secundarista. Foi presidente da Feub (Federação dos Estudantes Universitários de Brasília). Em 1968, transformou-se na maior liderança do movimento estudantil, a nível local. E iniciou contatos com o movimento estudantil a nível nacional. Em 20 de agosto, casou-se com Isaura, com quem teve uma filha, Juliana, hoje com 22 anos. Nove dias depois de seu casamento — que se fez acompanhar de lua-



O irmão e a mãe de Honestino, na foto da parede

de resgatar a trajetória de um dos heróis de minha geração, de minha época". Afinal, "fui, de certa forma, contemporânea de Honestino na UnB. Ele era secundarista no CIEM (Centro Integrado de Ensino Médio), uma espécie de escola de aplicação da UnB, localizada praticamente dentro do campus. Eu estudava Arquitetura e ele preparava-se para o vestibular de Geologia. Convivemos de perto, porque ele era amigo do meu irmão Cláudio".

Das assembleias em que Honestino participava, Maria Coeli lembra trecho de suas emocionadas falas: "Juventude da minha pátria/força viva da Nação/antes manter fechada uma universidade livre/do que manter aberta uma universidade fechada". E comenta: "O auditório quase vinha abaixo, tantos eram os aplausos e tantas as emoções. Ele conseguia aproximar todas as facções políticas que militavam na agitada UnB dos anos 60".

A estrutura do vídeo *Honestino* é

convencional. Seguindo o modelo de um bom *Globo Repórter*, Maria Coeli soma depoimentos de familiares de Honestino (sua mãe, a professora Maria Rosa Leite Monteiro, e do irmão, Norton Monteiro Guimarães), de amigos e militantes políticos (Maria José da Conceição, a *Maninha*, que dá o mais emocionado dos testemunhos; Hélio Doyle, Paulo Cassis, Cláudio Fontelles, Salvador Coaracy, Aylê Sallasié, José Luís Clerot, Almira Rodrigues, o chargista Gougoun, Jarbas Marques, Álvaro Lins Cavalcanti, Mauro Burlamaqui, Ivonete Santiago e Ângela Crespo Queiroz Neves), e de dois políticos (o deputado Vladimir Palmeira e o senador Chagas Rodrigues).

Em cima das lembranças de cada entrevistado, Coeli constrói um vídeo de 63 minutos, que emocionou pela força da história que conta. A história de um jovem que quis mudar o Brasil, mas acabou desaparecendo em seus porões. Até hoje não se sabe onde está enterrado o corpo de Honestino,

de-mel numa fazenda — a UnB foi invadida pela polícia. Um estudante — Valdemar Alves da Silva — foi ferido com um tiro na cabeça.

No dia 12 de outubro, 700 estudantes foram presos no XXX Congresso da UNE, em Ibiúna, São Paulo. No dia 26 de fevereiro de 69, foi instituído o Decreto Lei 477, que punia estudantes envolvidos em atividade política nas escolas. Este decreto veio somar-se ao AI-5, de 13 de dezembro de 68. Os canais de participação dos jovens foram se estreitando. Ligado à AP (Ação Popular), Honestino caiu na clandestinidade. Sua vida, daí em diante, constituiu-se em mistério que está guardado nos cofres dos órgãos de segurança. É esta história que Dona Rosa, a jovem Juliana e a Comissão de Direitos Humanos da OAB procuram reconstituir. (MRC)

que foi um brilhante estudante de Geologia e que, como militante da AP, caiu na clandestinidade. Comissão especial da OAB-DF (Ordem dos Advogados do Brasil — Seção DF) procura reconstruir sua história, em especial nos anos mais duros do regime (o período Médici, de 70 a 73). A tarefa não vem sendo fácil. Se vivo fosse, Honestino Guimarães teria 46 anos.

Equipe técnica — Os 63 minutos de *Honestino* foram resultado da depuração de 24 horas de gravações. Coube a Caetano Cury editar o material bruto, ao lado de Maria Coeli. "Vivenciamos uma experiência muito rica" — conta ela. "Como Caetano é jovem, ele me ajudou a encontrar pulsação diferente na ilha de edição. Afinal, fiz este vídeo para as novas gerações conhecerem um jovem idealista dos anos 60".

A trilha sonora soma Legião Urbana (*Por Enquanto*, cedida gratuitamente por Renato Russo), a *Quinta Sinfonia*, de Beethoven; o *Solo das Dores*, de José de Siqueira; *Água de Beber*, de Tom e Vinícius; *Bikini Amarelo*, de Paul Kaddor; *Girl*, de Lennon e Harrison; *Moby Dick*, de Led Zeppelin, e *A Banda*, de Chico Buarque. Ela foi montada no calor da hora, nos estúdios da Asa Vídeo, empresa que deu suporte técnico ao projeto. Maria Coeli, além da direção, assina a pesquisa, o roteiro e a fotografia (que é também de Márcio Camargo). A direção de arte é de Douglas Marques de Sá, produtor de *Nenê Bandalho*; e a direção de produção de Regina Bittencourt.

Maria Coeli não sabe quando *Honestino* será apresentado ao grande público. "Tudo está nas mãos da UnB", avisa. Ela — que atualmente dá aulas de vídeo no Departamento de Artes Visuais do IdA (Instituto de Artes) — espera que "a Universidade ajude a difundir trabalho realizado com enorme paixão". E lembra que, na etapa final, *Edital de Patrocínio* da Fundação Cultural liberou Cr\$ 6 milhões para o projeto.

Premiados

Categoria Obras de Arte.

Melhor Vídeo e Prêmio UnB — 30 Anos — "Honestino", de Maria Coeli de Vasconcelos.

Menção Honrosa para Música na Tarde, crônica de Lucília Garcez.

Menção Honrosa para Ensaio Fotográfico, de Patrick Grosner.

Categoria Trabalhos Escritos.

Prêmio UnB — 30 Anos: "Programa Saúde — Brasília — União com a Comunidade", de Jorge Cordon Portilho e Mourad Belaciano.

Menção Honrosa: Sebastião Varella (Criatividade e o Potencial Humano da UnB); Ernesto e Matheus Gorovitz (A Área Física da UnB: Uma Obra de Arte), e Aluísio Arcela (O Talento na Produção Científica).

Para publicação em livro comemorativo dos 30 anos:

A Experiência Pioneira da UnB no Ensino de Direito Criado pelos Tribunais, de Lincoln Magalhães Rocha.

CIEM — O Relato de uma Experiência Inovadora, de Eda Carvalho.

UnB: Tempo e Espaço do Resgate do Naufrágio e do Sonho, de A. Costa D. Siqueira e L. Bandeira.

Contando Histórias Nem Sempre Contadas por Nós, de Leda Barreiro.

Obras de Arte (Comissão Julgadora): B. de Paiva, Emílio de César e Maria do Rosário Caetano.

Trabalhos Escritos (Comissão Julgadora): Darcy Ribeiro, Sérgio Paulo Rouanet, Luiz Carlos Galvão Lobo e Vladimir Carvalho.